

CULTURA

Uma vida de Sophia do Mar do Norte à luz do Sul

A primeira biografia dedicada à autora de *Livro Sexto* chega neste ano em que se assinala o seu centenário. Isabel Nery compõe um relato da vida de Sophia com episódios saborosos, mas que quase nada nos diz da sua evolução enquanto poeta

Livros

Luís Miguel Queirós

Jornalista da *Visão* durante muitos anos e autora de livros como *As Prisioneiras – Mães Atrás das Grades* (2012) ou *Chorei de Véspera – Ensaio sobre a Morte, por Amor à Vida* (2016), Isabel Nery publicou há dias na Esfera dos Livros a primeira biografia dedicada a Sophia de Mello Breyner Andresen, cujo centenário é assinalado hoje em Lisboa com o início de um colóquio internacional de dois dias que reúne na Gulbenkian muitos dos mais reconhecidos especialistas na obra poética e ficcional da autora de *Geografia* ou *Contos Exemplares*.

“Há dois ou três anos”, num período em que acabara de deixar a *Visão* e o seu futuro profissional mais próximo estava em aberto, a jornalista encontrou-se com Francisco Camacho, então editor da Esfera dos Livros, onde já publicara *Chorei de Véspera*. Quando a conversa derivou para a escassez de biografias em Portugal, o seu interlocutor perguntou-lhe se não estaria disposta a escrever uma biografia de Sophia, projecto que lhe terá ocorrido naquele momento.

“A ideia era muito atractiva, porque admiro a sua poesia, os *Contos Exemplares*, as artes poéticas, mas ao mesmo tempo”, conta Isabel Nery, “era uma grande responsabilidade, desde logo por se tratar de uma autora contemporânea e existirem muitas pessoas vivas que poderiam discordar, vir dizer que isto ou aquilo tinha sido doutra maneira, e depois porque é a Sophia, a única mulher escritora no Panteão e uma poeta que contribuiu para hoje sermos livres, o que a mim me diz muito, até como jornalista, porque não há liberdade de expressão sem democracia”.

Na decisão de aceitar pesou a constatação, algo surpreendida, de que Sophia não tinha mesmo nenhuma biografia, lacuna que lhe pareceu fazer sentido suprir, mas também a convicção de que “os jornalistas são pessoas ideais para escrever biogra-

fias”. Porque têm, argumenta, “este treino de reunir muita informação para depois entregar a mais relevante”, experiência que lhe parecia uma vantagem acrescida num trabalho que iria envolver, para lá da investigação documental, a recolha de muitos testemunhos de pessoas vivas.

E Isabel Nery ouviu, de facto, muita gente, dos familiares de Sophia que aceitaram falar a amigos como Frei Bento Domingues, Graça Morais ou Manuel Alegre, mas também depoentes menos óbvios, como o pescador José Muchacho, que revelou à poetisa as grutas de Lagos, ou José Santos, empregado de um restaurante que a escritora frequentava em Lisboa, ou ainda a segunda mulher de Francisco Sousa Tavares, Amélia Brugnini, que parece ter aproveitado para acertar contas com a sua antecessora.

Se não é certo que os jornalistas, como pretende a autora, estejam particularmente habilitados para o ofício de biógrafos, é verdade que este livro tem bastante informação e é escrito com a fluidez de quem sabe prender a atenção. Serve-se generosamente do discurso directo, tem páginas, como as da Grécia, que estão mais próximas da reportagem do que do ensaio biográfico, e deixa ainda adivinhar o talento jornalístico para pôr as fontes a falar em alguns (poucos) depoimentos que dificilmente deixaram de irritar a família de Sophia.

A própria autora avisa na introdução ao livro, que intitulou simplesmente *Sophia de Mello Breyner Andresen*, que “esta não é uma biografia autorizada”, informação que depois precisou ao PÚBLICO: “Além do meu editor, ninguém a leu antes de ser publicada, não houve um familiar a dizer: ‘Isto entra, isto é melhor sair’.” Reconhecendo que alguns parentes aceitaram falar consigo e outros não, Nery observa que “a família é enorme e não faria sentido falar com todos”, e diz que a ter de esperar pelo acordo consensual dos familiares mais próximos “o livro nunca se faria”.

A jornalista escreve também que “esta não é uma biografia para

Sophia” e reconhece que seria “provável” que a poeta não concordasse com a sua publicação. A sua filha mais velha, a escritora e ensaísta Maria Andresen Sousa Tavares, assume que não gostou do que leu. “Não apanha de todo a minha mãe”, ajuíza, “e diz coisas falsas, como ela ter morrido na Cruz Vermelha, ou nunca ter visitado o meu pai no hospital”.

Nery reconhece que a primeira informação é um lapso e que foi induzida em erro por uma notícia da edição *online* do PÚBLICO, publicada no dia da morte de Sophia e provavelmente com origem na agência Lusa. No entanto, na edição em papel do dia seguinte o PÚBLICO já indica que Sophia morrera no Hospital Pulido Valente, embora mantendo que estivera antes internada na Cruz Vermelha, quando na verdade, segundo Maria Andresen, estivera, sim, no hospital da CUF.

Já a mais delicada afirmação de que a poeta, “contrariando os conselhos de alguns amigos”, nunca foi visitar o ex-marido, mesmo quando este estava a morrer, tem como fonte assumida a segunda mulher de Sousa Tavares. Maria Andresen contrapõe que ela própria, a pedido do pai, levou a mãe a vê-lo, e que Sophia passou uma manhã no hospital a conversar com o ex-marido. Visita de que Amélia Brugnini veio a ter conhecimento, garante, já que lhe terá até pedido satisfações por não ter sido avisada.

Depois de uma primeira conversa com Isabel Nery, que segundo esta última “correu bem”, a filha de Sophia decidiu que não colaboraria e diz ter dado instruções à Biblioteca Nacional para não permitir à jornalista o acesso aos materiais do espólio de acesso reservado. Mas as suas irmãs Isabel e Sofia falaram com a biógrafa, bem como vários outros parentes.

Peregrinatio ad loca Sophiae

O livro começa na pequena ilha de Föhr, no Mar do Norte, de onde o bisavô de Sophia, Jan Hinrich Andresen, zarpou de barco em 1840, aos 14



Não faltam nesta biografia episódios surpreendentes que reflectem as peculiaridades de Sophia

anos, numa viagem que para ele terminaria no Porto, onde terá sido expulso da embarcação por se ter posto a dar espectáculo vestido com uma pele de urso, episódio que a sua bisneta viria a evocar no conto *Saga*, das *Histórias da Terra e do Mar*.

A ilha é há muito território alemão, mas em 1840 pertencia ainda à Dinamarca. Sophia nunca lá pôs os pés, mas Isabel Nery sentiu que a sua história começava ali: “Se este rapaz não tivesse sido expulso do navio [que seguia para outras paragens], haveria talvez uma Sophia algures, mas não em Portugal”, diz. A biógrafa decidira cedo que os lugares seriam a “linha condutora” da sua investigação. “Eram muito importantes para Sophia, inspiravam-na, diziam-lhe coisas, a Grécia, o Algarve, mas também a Granja ou a própria casa Andresen, onde não nasceu nem viveu, como se está sempre a dizer, mas que era a casa dos avós – e se qualquer um ainda hoje fica pasmado com aquela grandiosidade, é natural que tivesse influência numa criança sensível e atenta.”

Decide, pois, ir ver Föhr com os seus próprios olhos. “Claro que não se pode dizer que a escrita de Sophia é muito limpa e directa porque ela tem origens nórdicas, mas isso terá tido alguma influência naquela sua maneira de estar pouco floreada”, sugere a biógrafa, lembrando ainda que o facto de a autora ter sido criada numa família com um ramo católico e outro protestante estava longe de ser vulgar no Portugal da época.

O leitor poderá sentir que Sophia demora um pouco a nascer nesta sua biografia, mas Isabel Nery acha que valeu a pena, não só porque teve a sorte de ir encontrar uns diários deixados pela mulher de um amigo do bisavô Andresen, mas porque foi criando a convicção de que, na sua aparente pouca importância, Föhr “pode ser o *missing link*, dar um certo sentido ao conjunto”.

Se nas páginas dedicadas à Grécia, onde também esteve, as impressões da repórter tendem por vezes a sobrepor-se um tanto às investigações da biógrafa, o breve capítulo do Algarve retrata bem o encontro de Sophia com esse “puro branco da cal onde a luz cai a direito”. O poeta algarvio Nuno Júdice, evocando o seu convívio com a escritora no final dos anos 60, garantiu a Isabel Nery que por essa altura “nada fazia mais sentido do

“

[Biografar Sophia] era uma grande responsabilidade, desde logo por existirem muitas pessoas vivas que poderiam vir dizer que isto ou aquilo tinha sido doutra maneira, e depois porque é a Sophia, a única mulher escritora no Panteão e uma poeta que contribuiu para hoje sermos livres

Os lugares inspiravam-na, diziam-lhe coisas, a Grécia, o Algarve, mas também a Granja ou a própria casa Andresen – se qualquer um ainda hoje fica pasmado com aquela grandiosidade, é natural que tivesse influência numa criança sensível e atenta

Isabel Nery
Biógrafa

que a mistura Sophia-Algarve”.

Mas é provável que o ponto mais forte deste livro sejam as muitas páginas dedicadas à intervenção cívica e política de Sophia antes e depois do 25 de Abril de 1974, da sua altiva recusa em deixar-se intimidar pela PIDE, que a convocou para prestar declarações já em 1959 – obrigou os agentes a seguirem-na escadas acima porque não andava de elevador –, à participação na chamada vigília da paz, em 1969, para a qual escreveu os famosos versos “Vemos, ouvimos e lemos/ não podemos ignorar”, na Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, em cuja criação esteve envolvida nesse mesmo ano, ou na posterior vigília da Capela do Rato, a 31 de Dezembro de 1972.

Se a sua oposição activa ao regime vai sendo lembrada, está hoje mais esquecido o papel que teve na Assembleia Constituinte, em 1975, onde fez algumas notáveis intervenções e presidiu à Comissão para a Redacção do Preâmbulo da Constituição. Em Setembro desse ano, no auge do Verão Quente, quando dezenas de milhares de manifestantes cercaram o Parlamento tentando forçar a queda do Governo, Sophia foi um dos deputados sequestrados. Isabel Nery recorda um depoimento da escritora Maria Velho da Costa, que conseguiu entrar na Assembleia para ir ver a amiga e a encontrou a rir-se com o escritor Manuel Guzmão, então deputado comunista. Num ambiente tenso e caótico, enquanto o deputado socialista Raul Rego, esgotada a comida no bar, vociferava que o queriam matar à fome, Sophia só pedia à amiga: “Não deixe entrar o Francisco, Maria, ainda se põe aí em cima de qualquer coisa, um daqueles leões de pedra feiçimos, a fazer mais aranzel.” A imagem de Sousa Tavares, em pleno 25 de Abril, dirigindo-se ao povo empoleirado numa guarita do quartel do Carmo já então se tornara icónica.

É também particularmente divertido o testemunho de José Manuel dos Santos, que, querendo discutir com Mário Soares um discurso que este iria fazer numa viagem oficial marcada para o dia seguinte, o encontra ao telefone com a amiga poeta, que queria ajuda para arranjar uma nova empregada. “A minha preocupação era acabar o discurso, mas ele diz: ‘Agora não. Primeiro tenho de resolver o problema da Sophia’.”

A fazer-se um balanço deste livro, será justo sublinhar o conseguido retrato que Isabel Nery nos dá da Sophia cidadã, mas já a poetisa (ou poeta, como preferia dizer) parece ser mais um dado adquirido do que um tópico central. “O livro não podia ser infinito, e a Maria Andresen já se tem dedicado profundamente a analisar a obra e a vida”, justifica. “Aceito a crítica, mas achei que não era esse o caminho, que não era a pessoa certa para isso”, afirma ainda, para concluir com um apelo: “Força! Façam mais coisas sobre a Sophia.”

Uma vida política

Não faltam no livro episódios surpreendentes, alguns bastante cómicos, que reflectem as diferentes peculiaridades da biografada, como a sua súbita aparição a cavalo no solar amarantino de Teixeira de Pascoaes, ou a cena – muito posterior e menos romântica – em que é assaltada à porta de casa, em Lisboa, e, dispondo-se a entregar o dinheiro ao ladrão, come-

ça a tirar as notas com uma pinça porque tinha fobia aos germes e recuava-se a tocar-lhes com as mãos. O larápio terá ficado tão desconcertado pela sua repugnância ao vil papel que desistiu do assalto e se pôs a andar.

São também muitos os exemplos das suas famosas tiradas irónicas, lapidares, desconcertantes – algumas bastante conhecidas, outras menos. Várias têm como “vítimas” os escritores com quem se relacionou. No regresso de uma ida a Bordéus com Agustina Bessa-Luís, estavam ambas no aeroporto quando são abordadas por um casal cuja filha traz uma pilha de livros para a autora de *Sibila* assinar. “Pois é, Maria Agustina” – comenta Sophia –, “eu sempre lhe disse que a menina escreve demais”. Agustina, diga-se, pagava-lhe na mesma moeda. Quando viajam juntas pela Grécia, a romancista observa: “Os seus rapazes gregos e a beleza grega não aparecem por aqui – parecem vindos de Trás-os-Montes.”

Sophia irritar-se-ia particularmente com as críticas ao seu tabagismo, por muito bem-intencionadas que fossem. Que o diga José Saramago, a quem uma observação inocente valeu logo esta réplica demolidora: “Caro amigo, enquanto estou a fumar tenho os dedos ocupados e não estou a escrever patacoadas como muitos fazem.”

É também particularmente divertido o testemunho de José Manuel dos Santos, que, querendo discutir com Mário Soares um discurso que este iria fazer numa viagem oficial marcada para o dia seguinte, o encontra ao telefone com a amiga poeta, que queria ajuda para arranjar uma nova empregada. “A minha preocupação era acabar o discurso, mas ele diz: ‘Agora não. Primeiro tenho de resolver o problema da Sophia’.”

A fazer-se um balanço deste livro, será justo sublinhar o conseguido retrato que Isabel Nery nos dá da Sophia cidadã, mas já a poetisa (ou poeta, como preferia dizer) parece ser mais um dado adquirido do que um tópico central. “O livro não podia ser infinito, e a Maria Andresen já se tem dedicado profundamente a analisar a obra e a vida”, justifica. “Aceito a crítica, mas achei que não era esse o caminho, que não era a pessoa certa para isso”, afirma ainda, para concluir com um apelo: “Força! Façam mais coisas sobre a Sophia.”